

III ENCONTRO AP

ALOCUÇÃO DE ABERTURA

À procura de novidade

Ao contrário de Proust, o criador não vai “à procura do tempo perdido”; mas, sim, do *tempo a ganhar*, da novidade, o que há-de vir. Esperançoso (e não, saudosos), o criador vai à procura de outra coisa, de uma coisa diferente. Em busca do novo, se não o encontra, inventa-o, cria-o. Não senão antes, o ter imaginado. O primeiro gesto da criação é, pois, a imaginação, a tão querida e fértil “imaginação criadora” – que o Homem desde sempre conheceu, cultivou e continua a usar. Criador como mais nenhum ser, inventor inato, sonhador por excelência. Não é que outros bichos não sonhem e criem (pelo menos, a partir das aves); só que a criatividade de um corvo é ínfima, enquanto a de *homo sapiens* quase infinita. É bom que tenhamos consciência desta realidade: que nada de verdadeiramente novo, qualitativamente diferente, nos separa dos macacos (Charles Darwin o demonstrou); a não ser que intelectualmente regressemos à fé no criacionismo, como alguns bacocos ultraconservadores americanos (um deles é o ex-presidente George W. Bush) que querem impor no ensino oficial e laico a doutrina criacionista emparelhada com a teoria da evolução das espécies.

Da representação do imaginado – o qual, por vez sua, é fruto do desejo e da intenção – emerge a possibilidade do criado, é dizer, da criação do que não existe. Portanto, no início, foi a imaginação; depois, vem a criação.

Por conseguinte, a criação vem de dentro, do desejo. Aqui, na actividade criativa, o que se representa não é o real, mas a realização do desejo. Se bem que para a construção do imaginado se sirva do material dos informes, os *inputs* (são os tijolos para realizar a obra – os dados de entrada¹).

Mas a mente, se habitualmente trabalha com a informação que recebe, é ainda capaz – quando pressionada pela necessidade e/ou pelo desejo – de criar novos informes (outros e diferentes tijolos). Isso acontece pelas capacidades de conceptualização (formar conceitos) e simbolização (representar as abstracções realizadas por símbolos reconhecíveis e manejáveis). Só assim se cria. Copiadores há muitos; criadores, apenas alguns. Transformadores são a maioria.

“Na Natureza tudo se transforma” (Lavoisier); na Cultura, tudo se inventa/cria – indo sempre para além daquilo que se descobre. O bosão de Higgs, a “partícula-Deus”, que estará na origem da matéria, não é o fim da linha; criamos a noção – operacionalmente útil – de “antimatéria”. O desejo de conhecimento é ultrapassado pelo desejo de *produção de conhecimento*.

¹ A representação mental não é sempre um representante do percebido (uma representação – transformada – da realidade), não está obrigatoriamente ligada à percepção. Pode ser uma representação do imaginado – a figuração do imaginado, estando portanto ligada à imaginação.

É por isso que viemos aqui: porque não queremos ser acumuladores de mais saber, aspiramos a melhorar os nossos instrumentos de construir o saber.

Foi nesta intenção – hoje, uma realidade – que Carlos Amaral Dias tomou a iniciativa de fundar esta Associação.

O meu discurso terminou. É de boas-vindas e agradecimento pela vossa presença e participação.

Os sábios, os criadores estão aqui na mesa ao meu lado; e outros virão a este palco. Outros ainda, muitos mais, estão na plateia.

Somos todos sujeitos de imaginação, quero dizer, com imaginação; se a inibição não nos tolher (os afectos inibitórios: medo, culpa ou vergonha).

É com o presente – as realizações de agora – que fazemos história; com o passado (o realizado outrora), apenas a contamos. A psicanálise é uma investigação-acção; não, uma crónica. O momento presente, *momento-agora*, é aquele que, na análise / cura analítica, importa aproveitar – para o relançamento / retoma ou reactivação da permanente construção da existência relacional do Homem; a plenitude da vida pressupõe o pleno da relação com o mundo – *existo enquanto amo*.

A criação é da ordem (subterrânea) da improvisação – pensar/fazer o que não estava previsto – e da natureza (imaneante ao humano) da colaboração, do “nós” (da *nosteridade*). Não existe criação programada, assim como é impossível a criação a sós. Às vezes, parece-nos que criamos na solidão e no silêncio; mas não é verdade: estamos com o objecto interno – a representação da pessoa investida – e a conversar com ele.

A criação nasce também no desafio do que conhecemos; comporta sempre um certo grau de rebeldia. Só cria quem é ousado.

Com esta pequena nota dou início aos nossos trabalhos de hoje. Declaro, pois, aberto o III Encontro da AP.

António Coimbra de Matos

16 Abril 2011

